



Mística e autoconhecimento: um estudo do itinerário místico de Inácio de Loyola em Manresa à luz do autoconhecimento de Blaise Pascal em sua obra *Pensamentos*¹

Mysticism and self-knowledge: a study of the Ignatius of Loyola's mystical itinerary in Manresa in light of Blaise Pascal's self-knowledge in his work Pensées

Felipe Mateus Botura ^[a]

Campinas, SP, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas

Ceci Maria Costa Baptista Mariani ^[b]

Campinas, SP, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas

Como citar: BOTURA, Felipe Mateus; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Mística e autoconhecimento: um estudo do itinerário místico de Inácio de Loyola em Manresa à luz do autoconhecimento de Blaise Pascal em sua obra *Pensamentos. Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 02, p. 328-341, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.002.AO03>

Resumo

Este artigo aborda o itinerário místico de Inácio de Loyola em Manresa, à luz do autoconhecimento proposto por Blaise Pascal, por meio de uma revisão bibliográfica da autobiografia de Inácio, da obra "Pensamentos", de Pascal, e

¹ Este artigo é resultado da Pesquisa de Iniciação Científica financiado pela bolsa FAPIC oferecida pela PUC Campinas.

[a] Graduando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e-mail: felipemateusbotura@gmail.com, Orcid:

[b] Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e-mail: cecibm@puccampinas.edu.br, Orcid:

de outras produções científicas sobre o tema, a fim de demonstrar a importância do autoconhecimento na experiência mística. No caso de Inácio, suas observações sobre sua diversidade de espíritos o levaram ao refinamento de sua espiritualidade, culminando na experiência central do Cardoner, momento de profundo conhecimento de si e de abertura a Deus, no qual recebe as mais profundas graças. Mas, para tal, Inácio teve de enfrentar suas misérias, reconhecer-se limitado, necessitado de Deus e despojar-se de si, como sugere Pascal, para poder encontrar o caminho para a verdadeira felicidade, que, no pensamento pascaliano, se dá em Deus.

Palavras-chave: Inácio de Loyola. Blaise Pascal. Autoconhecimento. Reconhecer. Deus.

Abstract

This article addresses the mystical itinerary of Ignatius of Loyola in Manresa in light of the self-knowledge proposed by Blaise Pascal, through a bibliographical review of Ignatius's autobiography, Pascal's work "Pensées," and other scientific productions on the subject in order to demonstrate the importance of self-knowledge in the mystical experience. In the case of Ignatius, his observations on his diversity of spirits led him to refine his spirituality, culminating in the central experience of the Cardoner, a moment of profound self-knowledge and openness to God, in which he receives the deepest graces. But, for this, Ignatius had to face his miseries, recognize himself as limited, in need of God, and strip himself of his ego, as Pascal suggests, in order to find the path to true happiness, which, in Pascalian thought, is found in God.

Keywords: Ignatius Loyola. Pascal. Self-knowledge. Recognize. God.

Introdução

Este artigo aborda o itinerário místico de Inácio de Loyola em Manresa à luz do autoconhecimento, proposto pelo teólogo jansenista Blaise Pascal, por meio de uma revisão bibliográfica da autobiografia de Inácio, da obra “Pensamentos”, de Pascal, e de demais produções do tema. A fim de demonstrar a importância do autoconhecimento para uma vivência mais profunda e verdadeira do sagrado.

Pascal não fez nenhuma crítica direta a Inácio, mas foi um grande crítico dos jesuítas, por meio das Cartas Provinciais (2016), que escrevera para denunciar o laxismo da moral casuística da Companhia de Jesus. Trata-se de uma disputa teológica que gira em torno do tema da graça. Por um lado, os jansenistas enfatizavam a soberania divina, afirmando uma graça contingente, dando pouco espaço para a liberdade humana, pois tinha uma visão pessimista desta. Por outro lado, os jesuítas seguiam Molina, afirmando que Deus concede uma graça suficiente para a salvação a todos, dando ênfase à liberdade humana (Pondé, 2016).

Apesar de tais divergências, o diálogo torna-se possível porque ambos reconhecem a necessidade de enfrentar a própria miséria para abrir-se à ação de Deus. A diferença se dá no fato de que Inácio propõe um caminho a partir de um acompanhamento espiritual, que, consequentemente, conduz a pessoa ao serviço do Reino. Ao passo que Pascal pontua a tragicidade da natureza humana, propondo um caminho e uma experiência mais individual da graça.

O Papa Francisco escreveu, em 2023, a Carta Apostólica *Sublimitas Et Miseria Hominis*, em razão do IV centenário do nascimento de Blaise Pascal. Nela, reconhece a grandeza e a profundidade do pensamento de Pascal, destacando que suas intenções eram sinceras, que suas advertências sobre o neo-pelagianismo são atuais e que, ao findar de sua vida, sua concepção se alinhou à da Igreja. Afirma ainda que ele era um enamorado de Cristo. Com isso, a carta sugere uma reconciliação entre os dois lados, visto que ambos compartilham da mesma busca, conhecer a si para encontrar-se com Deus. Em suma, aponta que ambos proporcionam respostas às inquietações do homem contemporâneo.

Manresa: um lugar de passagem e início de um novo estilo de vida

Segundo Emonet (2016), Inácio nasceu por volta de 1491 e recebeu o nome – de batismo – de Iñigo López de Loyola, sendo o caçula de treze irmãos de uma grande e nobre família. Como perdeu a mãe ainda pequeno, acabou afeiçoando-se à esposa de seu irmão mais velho, Martín. E, apesar de ter recebido a tonsura, não levou a vida religiosa adiante, pois almejava a carreira militar. Teve uma juventude agitada o que o fez destacar-se não só pela sua formosura, mas pela coragem.

Esta coragem, somada ao orgulho e prepotência, o fizera enfrentar o exército francês, preferindo a honra e a glória da morte que a vergonha da rendição. Durante o confronto, sua perna, sonhos e ego, foram quebrados pela bala de um canhão, levando-o a passar por diversas cirurgias e por um longo tempo de recuperação. Para passar o tempo, pediu livros de cavalaria, porém só havia sobre a vida de Cristo e a dos santos que o fizeram encantar-se com as façanhas dos cavaleiros de Deus, e a questionar-se se também não seria capaz de realizá-las (Idigoras, 1991).

Restabelecido, iniciou uma peregrinação rumo à Jerusalém, o que o levou a passar por diversos locais até chegar a Montserrat, onde se denominou peregrino e vestiu uma túnica de pano de saco, a fim de viver no anonimato e fechar as portas para os privilégios que seu nome lhe traria. Entregando-se à providência divina e à caridade fraterna, para vencer seus desejos de glória.

Começou uma vida mais penitente, inclinada a extremismos e escrúpulos. E, a fim de seguir no anonimato, “[...] não tomou o caminho de Barcelona, [...], mas desviou para Manresa, onde contava passar

alguns dias [...], tempo de refletir [...] e de anotar ‘algumas coisas’ em seu famoso caderno” (Emonet, 2016, p. 30). Para Inácio, Manresa seria apenas um lugar de passagem, rumo a Jerusalém, no qual se dedicaria aos doentes, fazendo práticas de penitência e anotações de suas experiências em seu caderninho (Idigoras, 1991). Porém, esses dias se transformaram em meses, divididos em três períodos: “[...] o 1º de março a julho, de paz, [...]; o 2º de julho a outubro, de escrúpulos e lutas; o 3º de outubro de 1522 a fevereiro de 1523, de grandes ilustrações e dons interiores” (Loyola, 1974, p. 34). Logo, mais do que um lugar de passagem para Jerusalém, foi um lugar de passagem para dentro de si.

Conforme a interpretação de Queiruga (2010) sobre revelação divina, enquanto autocomunicação de Deus ao homem, pode-se entender que Inácio vivenciara essa experiência por meio da leitura da Palavra. O que significa dizer que a revelação divina não é estática, mas um processo dinâmico de descoberta contínua, por isso deve-se vivê-la em uma dinâmica maiêutica. Algo que Inácio faz, durante o processo contínuo de conhecimento de si e do Outro, o que o leva a passar por grandes mudanças. Por isso, pode-se eleger Manresa como o lugar de sua mais profunda experiência com Deus, pois foi o lugar em que ele percebeu que dentro de si havia um espaço sagrado (Certeau, 2006).

Foi neste espaço de si, que o peregrino compreendeu que, devido à desordem da natureza humana, o “nosso instinto nos leva a sentir a necessidade de procurar a felicidade fora de nós” conforme reflete (Pascal, 1999, p. 153) ao tratar do tema dos divertimentos e das paixões, como distrações para a miséria humana. Por isso, ao refletir sobre a revelação divina, Queiruga (2010) elucida tal questão, ao afirmar que ela não desloca o homem para fora; mas para dentro, pois permite enxergar a verdade que emana de Deus no mundo e a estabelecer uma conexão mais íntima e genuína com a verdadeira natureza do Ser, possibilitando a busca pela autenticidade interior. Portanto, não é preciso afastar-se do mundo para uma experiência com o divino, pois Deus está em contínua relação com ele (Queiruga, 2010).

Manresa foi um lugar importante, mas o verdadeiro lugar do encontro consigo e com Deus foi no espaço sagrado de sua interioridade, visto que a revelação é, segundo Queiruga (2010, p. 108) uma “[...] interpretação da existência individual e social à luz do sagrado [...]. Nela: “[...] a pessoa se sente, [...] levada ao mais profundo de si mesma. [...] levada mais além de si mesma, elevada acima de suas possibilidades” (Queiruga, 2010, p. 111). Em suma, pela oração se traça o caminho das aventuras do amor (Certeau, 2006).

Em Manresa, Inácio adotou o estilo de vida desejado: pedia esmolas; alojou-se no hospital e cuidava dos doentes; assistia missa diária; comungava e confessava semanalmente; passava longas horas em oração noturna diante de Nossa Senhora; etc. Além de castigar o corpo com severas disciplinas, abandonando o cuidado externo (Idigoras, 1991).

Tratava ainda de coisas espirituais com aqueles que lhe procuravam, assim como mantinha-se fiel à sua proposta de anotar suas experiências em seu caderninho. Aqui, é curioso notar que Inácio faz o caminho que, posteriormente, Pascal iria sugerir no que se refere ao pensamento, pois, para Pascal (1999), existe uma ordem das coisas a serem pensadas: deve-se começar pensando em si, em seguida no seu autor, sua finalidade etc.

Segundo Pascal (1999), o homem é um ser grande e nobre, por algo que o distingue, a razão, que lhe permite uma autorreflexão. O problema se dá quando o homem evita tal exercício que o define enquanto ser, passando a viver na irracionalidade e imoralidade. Isso se dá porque ele não suporta olhar para suas misérias e para a insatisfação angustiante que traz em si.

Diante disso, Pascal (1999) afirma que o homem acaba optando por uma vida de distrações e divertimentos, pois sabe que caiu de uma posição privilegiada dada pelo Criador em Adão: pecou e distanciou-se de Deus, e admitir isso lhe é doloroso. Contudo, quando o homem olha para si e percebe-se miserável, limitado e necessitado de Deus, ele volta a ser grande, logo, a “A grandeza do homem é grande na medida em que ele se sabe miserável”. Em Inácio se dará justamente esse processo.

Os primeiros confrontos

Apesar de já ir percebendo suas movimentações interiores, o próprio Inácio afirma que, no início de sua caminhada, não tinha conhecimento de coisas espirituais, apenas imitava com grande fervor aquilo que sabia dos santos. Daí sua dificuldade em compreender as primeiras tentações, tanto que nesta fase inicial – de grande alegria – começou a ver algo que: “[...] parecia ter forma de serpente, com muitos pontos resplandecentes que semelhavam olhos, [...]. Ele se deleitava [...] vendo tal objeto: quanto mais olhava, [...] mais crescia a consolação. Mas quando a visão desaparecia, se desagradava dela” (Loyola, 1974, p. 33).

Pascal (1999) ilumina tal situação ao afirmar que o homem só comprehende as coisas com as quais se relaciona. Daí a dificuldade de Inácio, pois até este momento, ele nunca se relacionou – conscientemente – com o sobrenatural. Suas relações e buscas se davam no campo da cavalaria. Por isso, o autoconhecimento é essencial por permitir pensar a si em relação com as coisas. Quando Pascal estabelece uma ordem para pensar as coisas, ao mesmo tempo ele indica o caminho para a experiência com Deus. Portanto, ao pensar em si, o homem coloca-se no caminho para pensar em Deus e, com isto, abrir-se à experiência para com Ele.

Até porque o conhecimento de Deus é autocomunicação d’Ele, e esta, muitas vezes, se dá pela via interior, na qual por meio do recolhimento da oração, o humano se acerca e rodeia o divino, coloca-se diante d’Ele, sem poder alcançá-lo quanto menos possuí-lo por completo (Certeau, 2006).

Em suma, Inácio seguia intuitivamente o método que posteriormente seria elaborado por Pascal ao questionar a si mesmo, mas como não conseguia vencer a si, não conseguia dar o passo em direção a Deus, e, por isso, não conseguia fazer a experiência do encontro com Deus. Não percebeu, como diria Pascal (1999), que se encontrava em uma situação miserável devido à queda do homem em Adão e que, por isso, necessitava de um mediador – Cristo – que lhe retirasse dali.

Ele ainda estava no início de sua nova vida e em processo de conversão, visto que, naquele momento, estava em um caminho que era mais de imitação das grandezas dos santos do que serviço a Deus. Nesse momento, é curioso notar que Inácio e Pascal, ao longo de suas vidas, vão alternando suas concepções de vida, seguimento e graça, ora crendo na supremacia e necessidade da graça sendo pessimistas com a natureza humana, ora crendo que pelas próprias forças se é capaz de sair de tal situação miserável.

Aqui, a questão se dá em torno da autossuperação e do voltar-se para Deus. O problema, segundo Rocha (2016), é que nesta situação de queda – pecado – o homem se encontra voltado para si mesmo, imerso nos problemas do mundo, preso em sua pretensão de autossuficiência sem margens para uma autotranscendência e, por isso, contraditório em si mesmo. Para Pascal (1999), significa dizer que o homem se vê desejoso da felicidade – Deus –, mas impossibilitado de alcançá-la, pois não considerou a si e, consequentemente, não considerou nem teve a experiência transformadora que se dá no encontro vivo e real com Deus. Coisa que é possível observar neste momento da vida de Inácio.

É preciso pois, como recorda Durau (2018), ter em mente aquilo que Inácio propõe na primeira semana de seus exercícios: o conhecimento dos próprios pecados (EE 63). Esse processo de autoconhecimento vai de encontro com a análise pascaliana sobre a necessidade de o homem reconhecer suas misérias como ponto de partida para o encontro com Deus. Tanto que, conforme Inácio relata em sua autobiografia, durante os dias em que teve a visão da serpente com os olhos, percebeu que surgiam pensamentos que o desanimaram ao mostrar as dificuldades de seu novo estilo de vida, fazendo-o questionar se suportaria os novos hábitos até o fim de sua vida: “Mas a isto respondeu também interiormente com grande energia, sentindo que vinha do inimigo: ‘Ó miserável! Pode-mes tu prometer uma hora de vida?’ Assim venceu a tentação e ficou quieto” (Loyola, 1974, p. 34). Com isto, a alegria que sentia desde o começo de sua caminhada começou a se corroer.

Em suma, Inácio se depara com o cansaço e as incertezas daquele que caminha. Contudo esta é apenas a primeira tentação à qual vence, confiando mais nas suas forças do que com a fé que tudo abraça e suporta. Sendo este apenas o início de um longo inverno que caíra sobre sua alma (Idigoras, 1991).

Com isso, começa o segundo período de sua estadia em Manresa, o da aridez espiritual, que foi como uma forja que o transformou totalmente. Trata-se de uma purificação de seus desejos e sentimentos, até chegar ao refinamento de sua vontade, descobrindo suas reais necessidades e o caminho para a verdadeira felicidade.

O período da aridez espiritual

Lidas de acordo com o pensamento de Pascal (1999), as dificuldades que Inácio encontrou durante seu período de aridez espiritual se deram pelo fato de ele fugir do ato de encarar suas misérias. Conforme Pinto (2018), esta fuga se dá por ser desagradável ao homem pensar em si mesmo, visto que demanda grande disposição, coragem e energia para encarar-se e reconhecer que há em si um vazio existencial que só pode ser preenchido por Deus.

Juan Luis Segundo (1976) argumenta que toda mudança de rota – de uma locomotiva – se realiza com a mesma soma de energia utilizada para colocá-la em movimento. Mas é preciso grande concentração para retirar essa quantidade de energia dum lugar e colocá-la noutro. E é nisto que as anotações de Inácio, que posteriormente se tornaram o livro dos Exercícios Espirituais, contribuíram, ao proporcionar um meio de colaborar com a ação transformadora da graça. Em suma: “Inácio vivia em sua vida ordinária o espírito dos Exercícios [...] suas palavras, suas reações, sua conduta eram como um reflexo deste espírito, uma aplicação concreta dos princípios contidos no livro dos Exercícios” (Iparraguirre, 1955, p. 418).

Aqui, vale recordar que para Pascal (1999), devido ao pecado de Adão, o homem distanciou-se de Deus e corrompeu-se, passando a constituir-se como uma realidade desordenada e fragmentada, numa guerra constante de si contra si, razão versus imaginação. Logo, não se trata apenas de distanciamento para com Deus, pois o homem também “[...] encontra-se distante de si mesmo. [...]”, o homem atual conserva vestígios da grandeza de sua primeira natureza: aspira à verdade e busca incessantemente a felicidade, mas se mostra incapaz da certeza ou da felicidade” (Parraz, 2004, p. 4), pois vê-se incapaz de alcançar a Deus.

Com isso, a vontade humana passou a buscar apenas a sua própria satisfação, o que é contraditório já que isso só pode se dar na comunhão com o divino (Pascal, 1999). Inácio, por exemplo, estava no caminho de seguimento, mas sua vontade não estava alinhada com a vontade divina, pois ainda buscava a honra, a glória e o reconhecimento, a diferença é que ele havia mudado o meio para alcançá-los. Tanto que, ao ler a vida dos santos, o que brilha aos seus olhos é a possibilidade de fazer os grandes feitos: “[...] “E se eu realizasse isto que fez S. Francisco? E isto que fez S. Domingos?” (Loyola, 1974, p. 23).

Para Pascal um dos grandes, um dos grandes desafios do homem está em superar o orgulho e vaidade, pois eles o impedem de considerar-se como realmente é: ser insuficiente e necessitado de Deus. Do contrário, o homem centra-se em si e se ama de tal modo que, para conquistar o amor dos outros, nega seu eu e cria um imaginário que seja digno da estima alheia. Coisa que é visível no Inácio recém-convertido, pois ele não estava preocupado em seguir a Cristo, mas em ser conhecido por ter realizado grandes feitos. Por isso, não só imitava os santos nas práticas penitenciais, mas também tentava ir além, levando-as ao limite da condição humana: deixando de comer, cortar os cabelos e as unhas etc. a fim de vencer sua vaidade (Loyola, 1974).

Não é que os exemplos dos santos não ressoavam em sua vida ao ponto de fazê-lo mudar suas opções. O que aqui se busca mostrar é que Inácio converteu-se quanto ao caminho, mas ainda não quanto aos desejos. Ele não compreendia a sua atual vaidade: apenas deixou de buscar a glória na cavalaria humana

para buscá-la na de Deus. De acordo com Pascal (1999), significa que ele foge do exercício de encarar-se verdadeiramente, buscando distrair-se no divertimento ou agitação das coisas às quais se dedicava. Ou seja, a paixão era a mesma, ele ainda não estava curado de seu orgulho e sua obsessão pelo anonimato, visto que isso só atraía a atenção das pessoas simples que já viviam com ele (Idigoras, 1991).

Com o fim do doce estado de alegria, iniciou-se um período de intensa aridez espiritual e de grandes alternâncias de espírito, que o faziam sentir desgosto pela oração, ao passo que de repente toda a tristeza caía por terra como uma capa pesada ao chão (Loyola, 1974). Demonstrando, segundo Pascal (1999), sua falta de autoconhecimento e aceitação de si.

O que ele não aceitava era a sua atual condição de homem ferido, derrotado e manco. Ainda estava encantado com os grandes feitos e os buscava, ou seja, tentava ser algo que não lhe era possível, daí sua frustração, pois o homem: “[...] não é anjo nem animal; e, por infelicidade, quem quer ser anjo é animal” (Pascal, 1999, p. 123). Trata-se de uma inconstância presente na natureza humana devido à queda em Adão e, somado ao fato de ser um ser limitado, toda vez que o homem tentar alcançar algum ponto extremo irá, consequentemente e ao mesmo tempo, cair no extremo oposto.

Nesse período, Inácio fazia práticas penitenciais em uma obsessão tamanha que chegou ao escrúpulo de confessar inúmeras vezes os mesmos pecados: “[...] e por mais que confessasse não ficava satisfeito” (Loyola, 1974, p. 35). Ele não compreendia que o perdão é gratuito e, nessa inconstância, sentia-se jogado de um lado para o outro, em uma dinâmica sem fim, entre vícios e virtudes. Em termos pascalianos, ao tentar – de modo equivocado – ser cavaleiro de Deus, acabava não sendo nem d’Ele nem do mundo.

Penitências extremas: o limite das forças humanas e o mergulho na miserabilidade de si mesmo

Inácio estava tão focado em si mesmo que só conseguia olhar suas misérias, até buscava agradar a Deus, mas pelo exagero. Tanto que, ao se lembrar de alguma penitência feita por algum santo, não só se punha a fazer a mesma como almejava ir além e fazer mais, pois se os santos fizeram, ele também deveria fazer, embora não soubesse o que era humildade para regulá-la (Idigoras, 1991).

Ele iniciou o processo de refletir sobre si, mas não considerou a atuação da graça, afinal, como observa Queiruga (2010, p. 221): “A revelação [...] é simultaneamente ação de Deus e realização humana”. Ou seja, não deu o passo seguinte, e é por isso que agora jaz em um abismo de angústia e desespero, pois seguia a Deus a glória do serviço, não por amor.

Na verdade, sua situação só piorava; Inácio só via misérias em si, com um sentimento de total desprezo pelo seu passado. Pascal (1999) elucida tal questão ao afirmar que essa secura e sentimento de vazio que habitam na interioridade humana desvelam o abismo que se abriu no interior do homem com a queda:

Que nos gritam, portanto, essa avidez e essa impotência senão que outrora existiu, no homem, uma verdadeira felicidade, da qual só lhe resta, agora, a marca e o traço vazio, que ele tenta em vão preencher com tudo aquilo que o rodeia, [...] pois esse abismo infinito só pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, isto é, pelo próprio Deus? (Pascal, 1999, p. 138).

Logo, não considerar a Deus significa fazer uma opção por uma existência incompleta, vazia e de constante insatisfação. Ao passo que o homem – religioso – que faz essa experiência de Deus, seja ela nos acontecimentos dos dias, seja no silêncio da oração, descobre como que um ar sem o qual não se pode viver (Certeau, 2006).

Vale recordar que, em Pascal (1999), a miséria e a grandeza andam de mãos dadas; logo, é sentindo a dor de encarar seu verdadeiro eu – sua miséria – que o homem pode reencontrar sua grandeza. Visto que, ao reconhecer-se limitado e necessitado de Deus, passa a pautar sua existência em uma atitude de busca d'Ele. Se agora Inácio sente que a sua miséria lhe vem à tona e lhe causa dor, para Pascal isso faz parte do processo.

Se outrora Inácio tivera crise com relação ao futuro, questionando-se até quando suportaria tal estilo de vida; agora, sua crise se dá em relação ao passado, vestindo-o como uma capa pesada nos ombros. Ele percebia que tais escrúpulos lhe faziam mal e que não adiantava confessar pecados já confessados. Por vezes desejou que seu confessor lhe proibisse disso, até que, um dia, ele sugeriu que colocasse tudo por escrito, confessasse, e não mais voltasse a esses pecados, a não ser que fosse algo muito específico, o que não foi de grande ajuda, pois, passados uns poucos dias, os escrúpulos voltaram, pois para um escrupuloso, cada detalhe é específico. E, agora, via-se mais uma vez obrigado a confessar (Idigoras, 1991).

Inácio se viu mergulhado em seu abismo de misérias, mas não desistiu da luta, perseverando em suas sete horas de oração de joelhos e práticas penitenciais, até que um dia, em desespero, gritou: “[...] Socorre-me, Senhor! Pois não acho nenhum remédio nos homens, nem em criatura alguma! Se eu pensasse podê-lo encontrar, nenhum trabalho me seria grande! Mostra-me [...] onde o posso achar! [...]” (Loyola, 1974, p. 36).

Aqui, finalmente Inácio deu o segundo passo, considerou Deus ao reconhecer-se – como mais tarde Pascal (1999) irá sugerir para um reto autoconhecimento – como ser finito, contingente e necessitado d'Ele. Reconheceu, conforme Certeau (2006), ao refletir sobre a oração contemplativa, que Deus está não só acima, como também dentro e mais além. E assim, sua oração converteu-se em prostração, em um dobrar dos joelhos e cair com rosto por terra ante a presença de Deus, já que somente Ele poderia dar o remédio do qual necessitava. Esse fato leva Pascal (1999, p. 140) a afirmar que:

É em vão, ó homens, que procurais em vós mesmos o remédio para as vossas misérias. [...] vossas luzes só podem [...] conhecer que não é em vós mesmos que descobrirei a verdade e o bem. [...] Não sabem qual é o vosso verdadeiro bem [...]. Como poderiam dar remédio a vossos males se nem mesmo os conheciam? Vossos males principais são o orgulho, que vos subtrai de Deus, e a concupiscência, que vos liga à Terra, [...]. Se vos deram Deus [...], foi apenas para exercer vossa soberba. Fizeram-vos pensar que lhe sois semelhantes [...]. E os que viram a vaidade dessa pretensão vos lançaram no outro precipício, fazendo-vos pensar que vossa natureza é como a dos animais, e vos fizeram procurar o vosso bem nas concupiscências, [...].

Agora Inácio sente uma “[...] igualdade grande de angústia, verrumando-lhe as profundezas da alma, [...] sem deixar uma ponta de esperança” (Idigoras, 1991, p. 118), chegando ao ponto de considerar o suicídio, mas, por ser pecado, não o faz e grita novamente a Deus por socorro, experimentando “[...] o abismo do ser humano desprovido de asas, sem remédio vindo dos homens nem de outras criaturas” (Idigoras, 1991, p. 118). Eis o abismo infinito de misérias do homem quando distante de Deus, eis “[...] a crise da esperança, o vazio existencial, a perda do sentido de viver, a ante ssala da rendição da fortaleza de sua vontade” (Idigoras, 1991, p. 119).

Aqui, enxerga-se, mais uma vez, a possibilidade de diálogo entre os dois personagens, justamente por mostrarem essa crise existencial do homem sem Deus, abandonado a si. Apesar de tomarem caminhos diferentes, o cerne da questão é o mesmo, é preciso encarar as misérias, viver a autenticidade de si para um encontro real com Deus a partir da sua própria história.

Em meio a essa crise, Inácio se recorda da história de um Santo que fez um jejum de longos dias até Deus lhe conceder o que desejava e, ponderando, decidiu fazer o mesmo. Depois de uma semana em jejum, sem, contudo, mudar algo de sua rotina de serviço, oração e penitências, Inácio foi até seu confessor e lhe relatou os últimos dias (Loyola, 1974).

Ele o repreendeu e mandou cessar tal abstinência, mas três dias depois, ao recordar de seus pecados como que em uma linha contínua, sentiu necessidade de confessá-los novamente, ao passo que lhe vinham desgostos pelo seu atual estilo de vida (Loyola, 1974). Até que, de repente, “[...] quis o Senhor que despertasse como que de um sonho” (Loyola, 1974, p. 38). Naquele momento, Inácio alcançou os primeiros conhecimentos quanto à diversidade de espíritos, mas isto só foi possível quando:

[...] reconheceu que não possuía as rédeas de sua vida, em que não pôs sua confiança em si [...] foi o despertar de um sonho, algo parecido com aquele “ah!” [...]. Descobriu o nó da questão [...] ao recordar suas experiências sobre a diversidade dos espíritos, adquirida em Loyola. Tudo se recompôs rapidamente em seu interior; recobrou de uma só vez a lucidez e a segurança. “Determinou-se com grande clareza”. Não confessaria mais coisa alguma da vida passada (Idigoras, 1991, p. 119).

Outro esclarecimento alcançado se deu com relação às consolações espirituais que sentia nos momentos destinados a dormir e questionou se realmente vinham de Deus. Ao perceber que já tinha bastante tempo dedicado a Deus, decidiu que era melhor utilizar tal tempo para descansar (Loyola, 1974).

Naquele tempo, Inácio sentiu que “[...] Deus o tratava como um mestre-escola trata a um menino que ensina” (Loyola, 1974, p. 39). Tal sentimento pode ser entendido, segundo Queiruga (2010), ao refletir sobre a dinâmica da revelação divina, pelo fato de que Deus sempre se revela ao homem o quanto é possível a este naquele momento. Portanto, Deus sempre pode revelar-se mais, se não o faz é em respeito a limitação da condição humana, pois como uma mãe, Deus alimenta o homem conforme a idade e necessidade.

Inácio começava a perceber como Deus o conduzia e o instruía, sobretudo no tempo de secura. Percebeu ainda a importância do confronto com suas misérias, visto experimentar agora uma paz mais plena que a anterior. Tratava-se de um verdadeiro encontro com o Senhor, coisa que o fez parar de fugir de si e de buscar satisfação nas coisas, pois começou a compreender, conforme afirmou Pascal (1999, p. 154) posteriormente, que “a felicidade não está em nós ou fora de nós; está em Deus, e fora e dentro de nós”.

As consolações espirituais e o Cardoner como experiência transformadora

A terceira fase de Inácio em Manresa é repleta de experiências místicas. Este momento da vida do peregrino é decisivo, tanto que ele o vive como o fim da longa noite da alma após profunda solidão, a qual tinha por fundamental (Idigoras, 1991). Por meio dela pôde alcançar aquilo que Pascal (1999) denomina como entendimentos superiores, da ordem do coração, isto é, do sobrenatural.

Segundo Queiruga (2010), a revelação se dá mediante um processo de irrupção na história de modo a transformar o destinatário, levando-o ao crescimento, o que é visível em Inácio. Agora, neste despertar, coisa que ele tinha por graça, não só se via livre da dor do confronto consigo, mas de todos os escrúpulos e tristezas. Inácio sentia firmemente que Deus o conduzia por tais caminhos para ensiná-lo, afinal “[...] Cristo [...] revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS, N. 22).

Tal sentimento se confirmou nas sucessivas experiências que passa a ter com Deus, sendo a primeira a devoção que adquiriu da Santíssima Trindade, tanto que honrava cada pessoa com uma oração e, posteriormente, fazia uma oração para as três Pessoas. Sua devoção era tamanha, que um dia, ao rezar as horas de Nossa Senhora, “[...] começou a elevar-se-lhe o entendimento, como se visse a SSma. Trindade em figura de três teclas, e isto com tantas lágrimas e tantos soluços [...] com muito gozo e consolação” (Loyola, 1974, p. 40).

A segunda, trata-se de uma representação que lhe surgiu no entendimento, do modo como Deus tinha criado o mundo, e isso lhe acontecia com tamanha alegria, que mal conseguia explicar, apenas conseguia expressar que via um ponto branco do qual saíam alguns raios e, assim, Deus criava a luz (Loyola,

1974). E aqui é possível perceber uma lógica, pois após confrontar a si mesmo, primeiro passo sugerido por Pascal (1999), Inácio passou finalmente para a consideração de seu autor e, posteriormente, seguiu para a consideração das demais coisas, como a criação do mundo.

Na terceira, Inácio voltou a considerar a si mesmo, mas inserido dentro da criação. Ele finalmente se encontra num período de consolação, o que lhe possibilita ver a verdade das coisas e, ao perceber que os exageros não são necessários, deixa-os de lado, pois a única coisa que eles fizeram foi arruinar sua saúde. Tal experiência fará com que posteriormente assuma uma postura de cuidado e preocupação com os doentes e os jovens da Companhia, pois percebeu que, com saúde, servia melhor a Deus (Idigoras, 1991).

Inácio finalmente reconheceu os limites da condição humana, percebeu o que é central: a entrega generosa daquilo que lhe é possível, e é por isso que voltou a se cuidar, mas sem as vaidades de outrora. Ele percebeu que a verdadeira virtude se dá no equilíbrio de suas forças opostas, “[...] porque de outro modo não é subir, é cair. Não revelamos nossa grandeza se permanecemos numa extremidade, e sim tocando as duas a um só tempo e preenchendo o intervalo inteiro” (Pascal, 1999, p. 122). Isto porque, devido à limitação e à inconstância humana, não é possível chegar ou permanecer em pontos extremos; tentar alcançá-lo significa sair do meio, o que significa submeter-se a um processo de desumanização (Pondé, 2004), pois o meio é o lugar ontológico do homem.

A partir daqui, Inácio deixa o peso de seus pecados para trás. Isto porque ele finalmente comprehende o que significa o seguimento do qual Jesus fala em Mateus 11,28-30: ir até Ele e n’Ele depositar as dificuldades, pois seu jugo é suave, e o fardo, leve. É devido a esse desprendimento que, um dia, durante o momento em que o corpo do Senhor é elevado, pôde contemplar raios brancos que vinham de cima e assim, comprehendeu o modo como Jesus se fazia presente no Santíssimo Sacramento (Loyola, 1974).

É por meio de tais reflexões e experiências de um mergulho verdadeiro em si, que Inácio passa a ter uma experiência diferente com Deus, pois: “[...] estando em oração, via com os olhos interiores a humanidade de Cristo e sua figura, que lhe parecia como um corpo branco, [...], mas não enxergava nenhuma distinção de membros. [...] A Nossa Senhora também viu em semelhante forma, [...]” (Loyola, 1974, p. 41).

Seguindo o pensamento de Durau (2018), pode-se afirmar que Inácio vai aos poucos experimentando o: “[...] divino no humano de Jesus, a imaginação desvela, purifica a imagem falsa da própria pessoa e possibilita criar uma nova identidade fundamentada na história de Jesus”. O que o possibilitou vivenciar uma transformação interna e externa por meio da graça.

Sendo esta a quarta experiência, Inácio demonstra um olhar atento, pois percebeu que, quanto mais ele adentrava em seu íntimo, mais ele descobria que tanto lá, como ao seu redor, há uma presença interpelativa e arrebatadora do Criador. E isso se dá pelo fato de que “quando a pessoa religiosa vê o mundo como criação, este remete [...] a outra presença – a do Criador – que aparece através dele” (Queiruga, 2010, p. 183).

Por fim, tem-se o auge da experiência de Inácio no rio Cardoner. Sobre ela, vale acompanhar a narrativa que ele fez em sua autobiografia (1974, p. 41-42).

Uma vez ia, por devoção, a uma Igreja que estava a mais de uma milha de Manresa. [...] e o caminho vai junto ao rio. Indo assim em suas devoções, assentou-se um pouco com o rosto para o rio, o qual ficava bem em baixo. Estando ali assentado, começaram a abrir-se-lhe os olhos do entendimento. Não tinha visão alguma, mas entendia e penetrava muitas verdades, tanto em assunto de espírito, como de fé e letras. Isto, com uma ilustração tão grande que lhe pareciam coisas novas. Não se podem declarar os pormenores que então comprehendeu, senão que recebeu uma intensa claridade no entendimento. Em todo o decurso de sua vida, até os 62 anos de sua idade, coligindo todas as ajudas recebidas de Deus e tudo o que aprendera por si mesmo, não lhe parece ter alcançado tanto quanto daquela vez. [Nisto ficou com o entendimento de tal modo ilustrado, que lhe parecia ser outro homem e ter outro entendimento, diferente do que fora antes].

Essa experiência é tão complexa que Inácio não consegue descrevê-la, ficando em um discurso direto e seco. E, conforme o pensamento de Queiruga (2010, p. 25) pode ser entendida como:

[...] tomada de consciência da presença do Divino no mundo. [...] como o originário e transcendente, como o que de si mesmo chega ao ser humano e a ele se abre. [...] As manifestações são diversas, contudo, têm sempre algo em comum: são vividas como dom [...].

No fundo,

[...] o ser humano está sempre ‘vendo’ Deus, [...]. Na realidade [...] tão somente necessita de algo que o desperte, que sacuda sua atenção: a revelação é sempre um ‘aperceber-se’ do que já estava aí fazendo-se sentir obscura, mas insistentemente (Queiruga, 2010, p. 201).

Inácio se viu diante de “[...] profundezas insuspeitáveis em coisas e fatos que definimos com palavras já gastas” (Idigoras, 1991, p. 121). Ou seja, tal dificuldade se dá pelo fato de a linguagem ser um recurso limitado, usa os mesmos termos para dar sentido a diferentes coisas, desgastando-os e fazendo-os perder seu valor e originalidade. Logo, o paradoxo entre a vivência da experiência e a dificuldade de expressão desta, não só é natural como indicativo do quão profundo ela é, pois não há como descrever o itinerário daqueles que se puseram a caminho para ver a Deus, pois eles afirmam que quanto mais se contempla, menos se vê e comprehende (Certeau, 2006).

Logo, a secura do relato de Inácio não denota uma limitação de sua parte, mas a dificuldade de traduzir a riqueza da experiência. Não encontrou na linguagem algo que seja suficiente e, por isso, ele recorreu à imaginação e à linguagem comparativa. Até porque, segundo Certeau (2006), ver a Deus é ao mesmo tempo não ver nada, é perceber, não por si, mas porque Ele se deixa perceber.

Não obstante, Pascal (1999) afirma que, no campo do sobrenatural, a razão nada pode fazer, pois é o coração que é sensível a Deus, daí a importância de estar aberto a Ele. Em Inácio, também é possível encontrar essa concepção, em seus escritos, ele afirma “[...] não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente” (EE 2). Os santos atingem estes grandes conhecimentos por graça, não por méritos, e este “[...] é o segredo dos místicos [...]”, que, ao despertar do sono da aparência ordinária, sabem ‘ver’ a Deus em tudo [...]” (Queiruga, 2010, p. 211).

Após tão rica experiência, Inácio foi pôr-se de joelhos diante de uma cruz para agradecer a Deus, e ali teve um esclarecimento, sobre a visão formosa que teve quando havia chegado em Manresa. Agora, a serpente já não era tão bela e atrativa quanto antes, e, por graça, compreendeu claramente ser o demônio, que voltou a aparecer outras várias vezes, mas, tendo agora o conhecimento de quem era, o expulsava prontamente (Loyola, 1974).

Ao pensar na morte, “[...] sentia tanta alegria e consolação espiritual em ter de morrer, que se derretia todo em lágrimas” (Loyola, 1974, p. 43). Trata-se da aniquilação de todo o resquício do velho homem que havia em Inácio. Agora, para ele, morrer significava um encontro ainda maior com Deus.

Em outras palavras:

As entranhas renovadas sentem a existência de maneira nova e nela reencontram a novidade das coisas. Lá no fundo mais profundo de si mesmo, o homem comunga com o universo e com alguém que está por trás dele em todos os refolhos (Idigoras, 1991, p. 122).

Inácio finalmente teve seu encontro com Deus, o que o levará a buscá-lo continuamente. Interpretando tal fato a partir de Certeau (2006), torna-se possível afirmar então que o homem religioso é um pobre que busca como que às cegas, apalpando, com suas mãos unidas e levantadas aquele que é

inacessí vel, sem desistir. Caminha vagarosamente, como um peregrino em direção a Deus, através da oração, levando consigo apenas a humilde bagagem de si mesmo. A oração constrói relações, de modo que o homem religioso ora não só por meio das coisas, mas através delas, à medida que vai se sentindo parte do todo que é a criação (Certeau, 2006). Por isso Pascal (1999), diante da infinitude do universo e, neste caso, de Deus, pede que o homem contemple, já que não o pode abarcar e compreender. É por causa de tais iluminações que Inácio irá se sentir mais livre, como uma seta solta, cujo voo e destino são guiados por aquele que o lançara (Idigoras, 1991).

Agora, ele quer levar adiante aquilo que aprendera na escola de Manresa, pois crê que, no fundo, as pessoas buscam aquilo que ele acabara de experienciar. Experiência esta que ele transcreveu para o seu livrinho e que traduzem as ações de Deus em sua alma, explica sua atenção voltada para o resgate da liberdade e interioridade humana, juntamente das condições que tornam tal feito possível (Idigoras, 1991).

Iparraguirre (1946. p. 34) recorda que Inácio “[...] foi o primeiro a viver em si mesmo a experiência dos Exercícios [...]” e aquilo que se tem por EE. Hoje, é na verdade uma síntese deixada pelo próprio Inácio, daquilo que ele considerou como o mais importante de sua experiência para auxiliar as almas (Durau, 2018). Em suma:

A contribuição de Inácio à Tradição espiritual é a unificação desta polaridade, que é realizada pelo ato de buscar e fazer a vontade de Deus. Para fazê-la, temos que conhecê-la. E para ambas as coisas – para conhecer e para fazer a vontade de Deus – temos que nos dispor. Tal é o objetivo dos Exercícios e a chave da mistagogia inaciana. Nesta busca, a mística do conhecimento e a mística da vontade (ou do amor) se encontram: porque encontrar implica conhecer e uma vez conhecida esta vontade, aderir até unir-se a ela com todo o ser. O Peregrino concebeu seus Exercícios para ‘buscar e encontrar a vontade divina’. (Melloni, 1991, p. 282).

Considerações finais

Tendo feito este itinerário da vida de Santo Inácio, foi possível perceber que a bala de canhão lhe quebrou por inteiro: perna, sonhos, ego etc., mas, graças à leitura da vida dos santos e de Cristo, iniciara um processo de conversão que o fez partir em peregrinação rumo a Jerusalém, contudo, esta acabou sendo uma jornada para dentro de si mesmo.

A princípio, ele converteu-se quanto ao caminho, mas não quanto aos desejos, visto que, ele continuou a buscar a honra, glória e reconhecimento, só que agora em Deus. E, por não os alcançar, sentiu angústia, infelicidade, tristeza e grandes alternâncias de espírito.

Diante disso, acabou levando suas práticas penitenciais ao extremo, chegando ao escrúpulo de confessar inúmeras vezes os mesmos pecados ou, ainda, de colocar sua vida em risco mediante tantas disciplinas. Acreditava mais em seus esforços do que na misericórdia divina, coisa que o impedia de compreender que até nisso sua vaidade se sobreponha e o dominava.

Foi somente quando reconheceu que o velho homem ainda vivia e abriu mão de segurar as rédeas de sua vida, assumindo suas misérias e sua própria história, que Inácio encontrou o que sempre buscara: a felicidade e a paz que se dão em Deus. Em seu grito de socorro a Deus, estava o seu reconhecimento de ser finito, contingente, inconstante e necessitado d’Ele.

A contribuição de Pascal permitiu não só acompanhar de perto, mas também o próprio interior de Inácio, fazendo compreender que a experiência mística não pode estar alheia à realidade de si, ela precisa estar encarnada na própria experiência da existência. Logo, é preciso descer, ver, conhecer, reconhecer, confrontar-se, etc., para poder subir. Trata-se de experienciar a partir de si mesmo, aquilo que é mais verdadeiramente humano. No entanto, para chegar a esse refinamento de sabedoria e experiência mística, foi preciso que Inácio passasse pela dura escola de Manresa e confrontar o seu pior inimigo: ele mesmo. Tal

experiência em Manresa é de tamanha profundidade que Inácio sequer consegue expressá-la em palavras, pois já não se trata de saber, mas de sentir e viver.

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- CERTEAU, M. D. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006.
- DURAU, Odair José. *In Domino nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2018.
- EMONET, P. *Inácio de Loyola: Lenda e realidade*. São Paulo: Loyola, 2016.
- FRANCISCO. Carta Apostólica Sublimitas Et Misericordia Hominis: No IV centenário do nascimento de Blaise Pascal. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20230619-sublimitas-et-misericordia-hominis.html#_ftnref5. Acesso em 21 de jun. de 2025.
- IDIGORAS, J. I. T. *Inácio de Loyola: Sozinho e a pé*. São Paulo: Loyola, 1991.
- IPARRAGUIRRE, Ignacio. Historia de los ejercicios de San Ignacio: desde la muerte de San Ignacio hasta la promulgación del directorio oficial (1556-1599). Bilbao: El Mensajero del Corazón de Jesús; Roma: Institutum Historicum S.I., 1955. Disponível em: http://www.fondazioneintorcetta.info/pdf/biblioteca-virtuale/documenti_1/IparraguirreII.pdf. Acesso em 22 de jun. de 2025.
- LOYOLA, I. *Autobiografia*. São Paulo: Loyola, 1974.
- LOYOLA, I. *Escritos de Santo Inácio: Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MELLONI, Javier. *La mistagogía de los Ejercicios*. Santander: Mensajero: Sal Terrae, 2001.
- PARRAZ, I. *Ciência e teologia nos caminhos de Pascal*. 2004. 305 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-05062006-113525/publico/PARRAZ-TESE.PDF>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- PASCAL, B. *Pensamento*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- PAULO VI. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: Sobre a Igreja no mundo de hoje. 7 de dezembro de 1965. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1965.
- PINTO, R. H. Antideterminismo e natureza humana na filosofia de Blaise Pascal. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, v. 40, n. 1, p. 1-10, jul. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/37996/pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- PONDÉ, L. F. *Conhecimento na Desgraça: Ensaio de Epistemologia Pascaliana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (Col. Ensaios de Cultura, v. 27).
- PONDÉ, Luiz Felipe. Prefácio. In: PASCAL, Blaise. *As Provincias*. São Paulo: Editora Filocalia, 2016. p. 8-11.
- QUEIRUGA, A. T. *Repensar a revelação: A revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- ROCHA, A. N. *Paradoxos da Condição Humana: Grandeza e Miséria Humana como Paradoxo Fundamental na Filosofia de Blaise Pascal*. 2016. 330 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de

São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19558/2/Arlindo%20Nascimento%20Rocha.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SEGUNDO, J. L. *Teologia aberta para o leigo adulto: evolução e culpa*. Vol. 5. São Paulo: Loyola, 1976.

RECEBIDO: 24/11/2024

APROVADO: 05/04/2025

PUBLICADO: 27/08/2025

RECEIVED: 11/24/2024

APPROVED: 04/05/2025

PUBLISHED: 08/27/2025

Editor responsável: Waldir Souza